

## **NOTÍCIAS A RESPEITO DE UMA CRIMINOSA DEMOLIÇÃO** **(Ad Perpetuam Rei Memoriam)**

**José Antônio de Ávila Sacramento\***

Em 07 de maio de 1970, os membros do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, através de ofício, posicionaram-se contra a derrubada da primitiva Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, tendo sido aprovado o “mais veemente protesto quanto à demolição” daquele templo, bem cultural tombado (processo nº 68-38/SPHAN, inscrito no Livro do Tombo de Belas Artes, Vol. 1, fls. 2, em 04 de março de 1938).

Através de ofício assinado pelos confrades Fábio Nelson Guimarães e Astrogildo Assis, os membros do IHG alertavam ao então pároco de Matosinhos, padre Jacinto Lovato, que a “advertência pretendia passar ao Reverendo a responsabilidade de tal destruição perante a posteridade, e propunha a recolocação das telhas no referido templo, em vista do bom estado do madeirame do telhado.”

O vigário ainda achou por bem “responder” aos protestos do IHG, através de ofício datado de 13 de maio de 1970, no qual, dentre outras coisas, escreveu: “Nenhum valor tem para mim protesto veemente ou sem veemência (...) O assunto é de exclusivamente da alçada da Igreja (...) Não aceitamos a intromissão de alheios à religião em assuntos de competência da mesma, ainda mais de um desconhecido IHG (...) As igrejas são para utilização dos fiéis e não para serem contempladas como pura arte de construção...”.

O protesto do Instituto foi “lido alto pelo padre, para os fiéis, na missa de domingo, com zombarias e declarações de desprezo ao IHG. (...) Tratou-se então de acelerar a demolição, de modo bárbaro, usando até dois tratores e cabos de aço para por abaixo o frontão, com a cruz de ferro trabalhada. (...) Os materiais foram vendidos: madeiras, ornatos de pedra, arco do cruzeiro, retábulo e finalmente a portada de pedra sabão. A Igreja estava fazendo, em 1970, exatamente 200 anos do início da sua construção.”

Diante da gravidade dos fatos a presidência do IHG resolveu solicitar a ajuda do Bispo Diocesano daquela época, D. Delfim Ribeiro Guedes, tentando sensibilizá-lo para que se “evitasse o estrago ou a perda irreparável da portada da Igreja de Matosinhos, obra de talha em pedra sabão, que possuía inequívoco e evidente valor artístico e arquitetônico”. O Bispo foi informado de que “as portas e janelas, todo o

madeirame interno e as paredes, estavam em perfeito estado, tendo oferecido grande resistência à demolição, tendo sido inclusive necessário o uso de tratores para pô-las abaixo.” A solicitação era para que D. Delfim ajudasse no sentido de que pelo menos a portada daquela Igreja ficasse nesta cidade “como recordação, talvez a única, que restara da Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, e, principalmente, por ser a portada em pedra-sabão de inegável valor artístico, que a torna parte do patrimônio cultural da nação brasileira.” Os membros do Instituto solicitaram ao Bispo que “empenhasse no sentido de acompanhar a sua retirada, de modo a que se evite a danificação ou sua alienação a terceiros.” D. Delfim prometeu agir para que a portada permanecesse aqui, mas infelizmente não cumpriu a palavra empenhada.

Altivo Sette registrou que o padre Sebastião Raimundo de Paiva, um dos fundadores do IHG, ainda tentou comprar a referida portada por quatro mil cruzeiros, para que a peça permanecesse em São João del-Rei, mas o esforço foi inútil já que ela estava prometida a um grã-fino do Estado de São Paulo. Altivo conta que tentou demover o paulista de levar a portada, mas foi tudo em vão: “meu cunhado, Paulo Campos é testemunha presencial deste meu apelo. Dias depois chegava de SP um caminhão e lá se foi a portada. E também um ornato de pedra-sabão, que figurava um relógio e outras peças, que vi serem postas com guindaste, no caminhão. Talvez a pia batismal, que é igualmente de pedra-sabão.” Finalizando, Altivo Sette comenta: “foi ultimada a operação... o Bispo faltou com a palavra e acobertou a transação que foi realizada, inclusive depois de uma importante decisão do Vaticano a respeito, e que eu havia publicado na imprensa local.”

Assim, com a publicação desta crônica, eu registro a primeira luta dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, em 1970. Aproveito para chamar a atenção para os cuidados com o nosso patrimônio cultural que ainda está em pé e aquele que está caindo... Por fim, presto a minha homenagem ao insigne Altivo de Lemos Sette Câmara por ter deixado tudo documentado num dossiê, cujo original está guardado no IHG desta cidade, documento que consultei e facilitei para que depois de anos eu pudesse comentar a respeito da criminosa demolição da primitiva Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos com a maior clareza e fidelidade.

*\* Membro do Conselho Municipal de Preservação Patrimônio Cultural de S. João del-Rei*



Aspecto da igreja original do Sr. Bom Jesus de Matosinhos (arquivo de J. A. de Ávila)



Altar da Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos  
(foto: arquivo de J. A. Ávila)



Aspecto da demolição da Igreja, em 1970 (foto: arquivo de J. A. Ávila)



Detalhe do teto da igreja (foto: arquivo de J. A. Ávila)



Mais um flagrante da demolição da Igreja, em 1970 (foto: arquivo de J. A. Ávila)



A demolição, em 1970 (arquivo: José Antônio de Ávila)



A demolição: duas imagens registradas pelo fotógrafo Afonso Nogueira – 1970.  
(Arquivo de J. A. de Ávila)

